

DOS LUGARES DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Ms. ANA CRISTINA RICHTER

Mestre em Educação pela UFSC

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFPR

Professora do Departamento de Educação Física Cefid/Udesc

Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade
Contemporânea (UFSC/CNPq)

Resumo | O presente texto descreve um projeto de trabalho para o ensino do *esporte escolar* desenvolvido em uma escola pública municipal com turmas do sexto ano. Parte de uma breve visita aos documentos legais que regem a Educação Física, da Proposta Curricular do município, bem como dos debates que a área de Educação Física vem mantendo com as ciências humanas e sociais. Esses debates iluminam a prática pedagógica e colocam-se como pano de fundo à construção do projeto ou Plano de Ensino e dos planos de aula desenvolvidos. Para além da elaboração do Plano de Ensino, discorre sobre os planos diários, e aponta alguns elementos referentes à realização de relatórios e avaliação. Apresenta também breves notas finais, considerando dificuldades, limitações e possibilidades de intervenção pedagógica no âmbito do ensino dos esportes e da Educação Física escolar.

Palavras-chave | Educação Física e esporte; intervenção pedagógica; planejamento, registro e avaliação.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto trata de um projeto de trabalho para a área da Educação Física, mais especificamente para o ensino do *esporte escolar*, desenvolvido em uma escola pública municipal da cidade de Florianópolis, com turmas do sexto ano.

A fim de elaborar esse projeto, considerei a legislação educacional brasileira para Educação Básica no que se refere ao ensino ministrado com base nos princípios “de igualdade, de liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; da valorização da experiência extraescolar” (BRASIL, 1996), entre outros. Ponderei também sobre as metas do Departamento de Educação Fundamental de Florianópolis que buscam “promover uma educação de qualidade que contribua para o exercício da cidadania, estabelecendo relações democráticas e participativas. Isso significa criar condições para que os sujeitos se apropriem do conhecimento científico historicamente produzido e das tecnologias de informação e da comunicação” (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 15), favorecendo a reflexão crítica, a atuação e a participação na vida em sociedade. Analisei, ainda, documentos específicos da área de Educação Física, tanto a Proposta Curricular do município quanto o projeto político-pedagógico da escola, entendendo que a disciplina deve estar integrada ao projeto educativo maior da instituição. Nesse sentido, considerei, entre outros aspectos, as indicações contidas naqueles documentos que sugerem que “o esporte não deve ficar fora das séries iniciais e que o seu ensino não compreende um desenrolar mecânico de procedimentos técnicos, apenas, que os(as) alunos(as) devem contribuir no planejamento das aulas e que não haja preocupação exclusiva com o desempenho no âmbito do ensino dos esportes” (idem, p. 132-133). Por fim, tomei como referência os debates que a área de Educação Física vem mantendo com as Ciências Humanas e Sociais e que revelam uma trajetória que foi (e é ainda) marcada, em última instância, por uma racionalidade que, no limite, deseja *funcionalizar* a atuação do ser humano, operando sob critérios de

eficiência e eficácia, na lógica do “melhoramento de índices” quantitativos apenas, ou, em outras palavras, nos moldes da *esportivização* (SOARES, 2003), da competição, do procedimento eficaz, do “progresso” contínuo e linear que caracteriza a sociedade administrada – centrada nos meios e esquecida dos fins a que a educação se destina.

De outro modo, esses debates têm favorecido reflexões em torno de *como* o corpo vem sendo vivido, investido de tecnologias, incorporado nos ritmos da produção e do consumo; submetido à ditadura da aparência por meio da *técnica* (FRAGA, 2001; VAZ, 1999; BRACHT, 1999) – uma das principais formas de relação (ou dominação!?) homem-natureza (BENJAMIN, 2000). Nessa direção, também incluí reflexões acerca do corpo e das práticas corporais presentes em outros espaços e tempos não apenas circunscritos aos ambientes educacionais, mas que atingem a estes e também aos seus atores, uma vez que aqueles absorvem, interpretam e trabalham essas concepções e práticas presentes em outras esferas (VAZ, 2002), tais como os ideais de beleza, os modelos de “normalidade”, a valorização do rendimento e da competição e a indiferença à dor; os castigos, as premiações, as ameaças; o controle do tempo livre, os produtos de embelezamento, entre tantos outros.

Considerando os elementos citados anteriormente e como critério para seleção de conteúdos, elegi ainda, além das características e dos conhecimentos produzidos pela cultura corporal, a relevância social, as características dos alunos e da comunidade na qual a escola está inserida.

Cabe destacar que não desconsidero, em nossa atuação, as funções pedagógicas das regulamentações, dos limites, enfim, das normas que permitem a civilidade e a possibilidade de se orientar no mundo. Caso contrário, ficariam as crianças lançadas à própria sorte, sujeitas a outras formas de controle autoritário ou à tirania da maioria, ao domínio das crianças mais fortes, mais hábeis. Nesse sentido, cabe ao adulto a tarefa de tematizar e problematizar as manifestações corporais presentes no cotidiano dos(as) alunos(as), de apresentar o acervo de práticas historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas, considerando não

apenas a sua reprodução, mas o conhecimento de sua historicidade, a problematização, a transformação e a recriação delas.

Ainda que brevemente apresentados, os elementos antes pontuados permearam a elaboração do Plano de Ensino e colocaram-se como *plano de fundo* para elaboração de *cada Plano de Aula*, dos registros e relatórios organizados ao longo do trabalho. Entendo que uma fundamentação teórica sólida, aliada à análise crítica dos documentos que regem a Educação e a Educação Física, favorece a construção de um planejamento mais alargado quanto aos fins a que a educação se destina.

Nas próximas páginas, após uma breve descrição do campo, apresento, ainda que de forma sucinta, a organização do Projeto ou do Plano de Ensino, considerando objetivos, seleção de conteúdos e aspectos metodológicos do trabalho. Em seguida, caracterizo o planejamento das aulas no que se refere aos planos diários, aos relatórios e à avaliação. Por fim, elaboro algumas notas finais, considerando dificuldades, limitações e possibilidades de intervenção pedagógica no âmbito do ensino dos esportes e da Educação Física escolar.

2. BREVE DESCRIÇÃO DO CAMPO

A escola em que o projeto foi desenvolvido conta com aproximadamente setenta funcionários entre professores, auxiliares, coordenação, supervisão, serventes, merendeiras, que atuam nos turnos matutino ou vespertino ou, em alguns casos, em período integral, junto a cerca de setecentos alunos(as), que frequentam turmas do primeiro ao nono ano. Cinco professores(as) de Educação Física atuam com as crianças em diferentes turnos.

O prédio principal possui dois andares e abriga secretaria, sala de direção e coordenação, sala dos professores, biblioteca, sala de informática, salão de eventos e salas de aula. Há, ainda, um refeitório ao lado de um pequeno pátio, cinco salas de madeira construídas nos arredores do amplo terreno da escola, além de uma pequena sala de dança, horta, quadra poliesportiva, quadra de areia e estacionamentos. As quadras,

frequentemente ocupadas por outras turmas e professores(as), não se colocava como impedimento para intervenção pedagógica, uma vez que as aulas de Educação Física não se limitam àquele espaço. Desse modo, para além das quadras, fiz uso de salas de aula, sala de dança, das escadas, dos corredores, do parque, da área de estacionamento, do refeitório e do pequeno pátio de areia ao lado dele.

Um aspecto que beneficiou, a meu ver, a concretização do projeto, diz respeito aos horários das aulas. A escola organiza-se em períodos de 1h30min. (hora-relógio), favorecendo um tempo de trabalho pedagógico menos acelerado, o planejamento ampliado, a concretização dos objetivos, a forma de estruturação das aulas, a respeito das quais tratarei adiante.

3. A ORGANIZAÇÃO DO PROJETO DE TRABALHO

Junto à estruturação do Plano de Ensino da disciplina, e considerando os elementos mencionados na introdução deste texto, atentei para a necessidade de analisar criticamente o discurso oficioso que diz que “o esporte é um fator fundamental para a educação das crianças e jovens, atribuindo-se a ele frequentemente papéis admiráveis, como livrar as pessoas do consumo de drogas” (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003, p. 90), e também de refletir a respeito do esporte para além de sua mera transformação em mercadoria:

[...] aquilo que se configura, nos termos da produção reificadora de subjetividades, a indústria cultural como um espírito do tempo: a celebração e disciplinarização da dor e do sofrimento corporal, a referência moralista ao esporte de alto rendimento, as regras de submissão às hierarquias escolares, as ambiguidades da pedagogia esportiva entre os imperativos da performance e os discursos do aprendizado dos “bons valores” (idem, p. 92).

De outro modo, observei a necessidade de nos desamarrarmos da proposta de reprodução do esporte *na* escola para assim criar o esporte *da* escola, vinculando o ensino aos objetivos maiores da educação, anteriormente apontados, bem como aqueles diretamente apontados pela instituição. Nesse sentido, o esporte *da* escola em questão colocasse também implicado por práticas de reflexão sobre a língua; práticas

de leitura, de oralidade, de escrita; por diferentes gêneros textuais que também habitam o universo do esporte e demais práticas sociais que compreendem a Educação Física/Ciências do Esporte.

O *objetivo geral* do trabalho consistiu em: vivenciar os movimentos presentes nas diferentes modalidades esportivas, identificando o gesto técnico, aplicando os conhecimentos em novas situações, organizando jogos, brincadeiras e outras atividades corporais a partir das suas regulamentações, identificando aspectos históricos, analisando e problematizando padrões culturais de movimento, de saúde, beleza e estética presentes na sociedade contemporânea.

Dentre os *objetivos específicos* do plano anual destaco: diagnosticar conhecimentos referentes às diferentes modalidades esportivas; identificar, analisar e problematizar aspectos históricos das modalidades em estudo; vivenciar diferentes modalidades esportivas; problematizar e solucionar dificuldades postas durante as práticas esportivas; analisar situações de jogo que envolvem questões de gênero, preconceito e exclusão, debatendo-as e problematizando-as; conhecer e executar os fundamentos e regras oficiais das modalidades em estudo, sem exigência do gesto técnico; analisar questões táticas que envolvem a modalidade, experimentando formas alternativas de ação; recriar as diferentes modalidades esportivas determinando novas sequências de movimentos, formações, gestos, regras etc.; analisar temas vinculados ao esporte de rendimento, diferenciando-o do esporte escolar e problematizando questões tais como performance, rendimento máximo, dor e sacrifício; ampliar passes, dribles, arremessos, chutes, recepções, saltos, giros, rolamentos, rebatidas, equilíbrios, subidas em superfícies verticais, balanços, mergulhos; identificar e computar batimentos cardíacos (BPM) no outro e em si mesmo, observando alterações em quadros de repouso e movimento; conhecer, narrar e problematizar a biografia de diferentes atletas; apreciar e debater a respeito de filmes, poemas, músicas e obras de arte que representem esportes; identificar e debater problemáticas relativas a questões ambientais e ecológicas por ocasião da realização de competições esportivas; identificar dimensões de quadras e espaços esportivos e traduzi-las em unidades métricas equiva-

lentes; criar materiais alternativos para diferentes modalidades esportivas; descrever sentimentos e sensações a partir de apreciação pessoal referente às atividades vivenciadas.

No que se refere aos conteúdos, considere: esporte como jogo, com suas normas e regras; o esporte e suas exigências físicas, técnicas e táticas; o esporte como espetáculo; o esporte na mídia; o esporte popularmente praticado; o *fair-play*; modalidades esportivas; meio ambiente; metragem; nutrição; *doping*; lesões no esporte; patrocínio e *marketing* esportivo; esportes paraolímpicos; usos e funções sociais da leitura; produção de textos segundo padrões usuais no campo do esporte. Isso implica conhecer, utilizar e valorizar os modos de produção e circulação da escrita na sociedade, considerando suas diferentes funções, em diferentes gêneros. No campo esportivo, temos regulamentos e estatutos que visam instruir; tabelas e gráficos que visam expor; notícias jornalísticas que visam relatar, entre outros gêneros textuais cuja análise tanto estilística quanto a construção variam. Além de atentar a esses aspectos, os(as) alunos(as) são levados a refletir sobre os “modos de conceber o mundo” ou a ideologia que se inscreve nas esferas de atividade comunicativa humana, a exemplo das diferentes formas que a imprensa aborda uma mesma notícia.

4. O PLANEJAMENTO DAS AULAS

As aulas foram organizadas a partir de um diagnóstico referente aos conhecimentos dos(as) alunos(as) sobre as modalidades esportivas e considerando o tempo pedagogicamente necessário à apreensão do conteúdo. As modalidades trabalhadas variaram entre a determinação da professora e a escolha do grupo.

a. O plano de aula

Para a realização de cada um dos planos de aula, tomei em conta os objetivos de aprendizagem, as unidades de conteúdo, bem como os procedimentos metodológicos ou uma certa estrutura didática.

Essa organização didática contemplava, embora de forma flexível, fases que envolvem:

- a) A reunião da turma a fim de retomar aspectos do encontro anterior, deliberar a respeito das problemáticas enfrentadas na realização das atividades ou a respeito dos sentimentos de sucesso, insucesso, superação, tensão, medo, alegria, (des)controle, (des)prazer, sustos vivenciados; apresentar o Plano de Aula; explicitar os objetivos e inserir elementos sugeridos pelos(as) alunos(as), entre outros eventuais pontos decorrentes de acontecimentos da aula anterior;
- b) Apresentação de regras fundamentais da modalidade; explicitação e orientação para os fundamentos e gestos característicos das práticas vivenciadas; vivência prática da modalidade; interrupção, problematização das dificuldades surgidas e solicitação de indicações para o estabelecimento de consensos; retomada da atividade com emprego das indicações acordadas; interrupção, reflexão e reorganização do planejamento operativo das ações, com indicação de formas alternativas de realização de movimentos, alterações nas regras, inserção de novos elementos incorporando novas propostas efetuadas pelos alunos; experimentação do jogo com alterações indicadas; reflexão sobre as alterações;
- c) Discussão sobre a aula, registro da aula por meio de ilustração e produção textual em diário específico.

Com relação ao item “b”, supracitado, organizei vários encontros a partir do que denominei *momentos variantes* que determinam formas alternativas na condução das aulas. Nesse sentido, algumas aulas foram destinadas à construção de materiais alternativos para realização das práticas com utilização de sucata; à análise da constituição histórica da modalidade em estudo; à audição e ao debate de músicas cujo tema trata do esporte, do corpo e do movimento; às representações do esporte na arte quando são apreciadas e recriadas obras de arte e poemas que tratam do tema e de conhecimento da biografia de atletas (locais, regionais, nacionais e internacionais); ao debate de temas como corrupção no esporte

e na sociedade; a identificar usos e funções sociais, analisar, debater e empregar diferentes gêneros textuais: biografias de atletas e amadores, textos jornalísticos que tratam do tema, estatutos e regulamentos, regras, propagandas, entrevistas, reportagens, poemas, crônicas, gráficos e tabelas etc. Os momentos variantes podem também contemplar a presença de pais, avós, familiares, vizinhos que participam da aula como palestrantes, participantes ou auxiliares na produção de materiais; à análise de registros fílmicos e fotográficos, quando as aulas filmadas ou fotografadas são revistas e debatidas com a turma; à análise do uso de suplementos alimentares, anabolizantes; à análise de filmes/documentários/jogos e problematização sobre diversos temas, entre os quais a mercadorização do esporte, amadorismo e profissionalização, *doping* etc.;

Desse modo, as aulas de Educação Física contemplam, para além de uma *dimensão mimética*, a *dimensão conceitual*¹, enfatizando a linguagem como forma de se colocar no mundo e que, junto ao pensamento, constitui uma dimensão importante do humano.

b. Os relatórios

Ao tratar da elaboração de registros ou relatórios, vale ressaltar que vivemos uma cultura do “novo”, do “progresso”, e que somos impelidos a

-
1. Vaz (2001, p. 95) explica que o conhecimento a ser trabalhado a partir do *conteúdo esporte* não pode equiparar-se, simplesmente, ao aprendizado prático das modalidades, nem às informações relativas às regras e táticas de jogo. Nesse sentido, o autor destaca que “o esporte e os outros elementos da cultura corporal devem ser duplamente aprendidos: por um lado pela mediação reflexiva sobre os temas relacionados ao corpo e à corporeidade; por outro pelas dimensões técnica e mimética, pela aproximação estética entre sujeito e objeto”. Em outros termos, trata-se de uma educação que “procure a razão crítica e a mediação reflexiva (como negatividade), mas também, com igual força, uma aproximação sensível (*einen sinnlichen Zugang*), combinando, de forma aconchegante, técnica e mimesis. Sem desprezar, portanto, a espontaneidade e a dimensão não conceitual (porém não irracional!) do conhecimento”. Tomando como exemplo o atletismo, o domínio conceitual não se refere simplesmente ao conhecimento das regras, das dimensões da pista etc., mas diz respeito também ao conhecimento da sua historicidade, à relação entre esporte, política e economia, entre outros. O plano da dimensão mimética envolve não apenas a execução de um gesto técnico, mas a própria percepção somática do corpo em velocidade nas corridas, por exemplo, ou do corpo em queda numa prova de salto em altura; dos gestos e sensações envolvidos e que compreendem uma *experiência*, uma dimensão do conhecimento fundamentalmente aprendida pelo corpo.

esquecer as ações passadas, as marcas, os sofrimentos, enfim, tudo aquilo que vivemos *ontem*. E que, em muitas de nossas escolas, as crianças e os jovens têm sido conduzidos de um período ao outro, de uma aula a outra atravessando itinerários fixos e previstos, marcados pela ausência de uma linguagem capaz de reconstruir e recordar os tempos vivenciados: tempos que contam a história, que a deixam “aberta” para dar a ela novos sentidos, outras interpretações.

Desse modo, um momento importante do trabalho envolveu a produção de registros que visavam *recordar* os tempos vividos nas aulas, discorrer sobre as ações, as problemáticas enfrentadas, os sentimentos e, a partir deles, criar novas ações. Na medida em que os(as) alunos(as) elaboravam seus registros em diário, também o fazíamos, para então confrontá-los e reestruturar o planejamento com base nos dados indicados nas produções.

Ao final de cada aula, cada aluno(a) recebia uma folha em que ilustrava um momento da aula, além de elaborar uma pequena produção textual cujos temas variavam de acordo com o objetivo principal da aula. Em alguns dias, as crianças eram convidadas a descrever a sua própria trajetória ao longo da aula; em outros, a descrever o jogo realizado de acordo com as regras recriadas pela turma, comparando-as, criticamente, com aquelas oficiais; em outros, ainda, a descrever os sentimentos e as sensações despertadas ao longo do jogo; ou listar possíveis motivos e soluções para os conflitos gerados em determinado momento da aula. Enfim, a própria dinâmica da aula sugere a temática a ser abordada no registro.

c. A avaliação

Os registros supracitados representam também uma possibilidade de guiar a produção das avaliações de cada aluno(a) no que concerne às dificuldades encontradas, aos limites, às superações, às necessidades e aos desejos de cada membro do grupo. Nesse sentido, seus escritos correspondem a um olhar sobre si mesmo, uma autoavaliação.

Esses registros são organizados em forma de álbum que, ao final do trimestre, são entregues às famílias, juntamente com o parecer que contempla o apontamento daqueles objetivos selecionados e vivenciados

pela turma. Ou seja: aquilo que ela vivenciava, dizia, pensava, analisava etc. também compunha a avaliação.

Ao lado desses, contribuíram para a avaliação os registros da professora, os trabalhos realizados em aula, as propostas de trabalho indicadas pelos(as) alunos(as) durante as aulas, as tarefas de casa (pesquisa sobre determinada modalidade esportiva, recolha e análise de manchetes ou textos jornalísticos relacionados ao esporte; produções textuais sobre as suas experiências com diferentes modalidades esportivas etc.), a produção de materiais.

Entendemos, com Kunz (citado por DAVID, 2001), que a avaliação é um ponto polêmico em nosso campo, visto que a área carece de conteúdos hierarquizados, que não temos práticas de discussão, integração e avaliação e que somos ainda uma área um “pouco à parte” do processo pedagógico que se desenvolve na escola. Além disso, muitas escolas trabalham como modelos de avaliação voltados à publicização de resultados, *rankings*, desempenho. Ou pior: observamos modelos de avaliação que consideram apenas elementos (chavões) como “interesse e participação em aula”, que, no limite, acabam por desconsiderar todo o acervo de práticas historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas, no âmbito cultura corporal de movimento.

Ao construirmos um projeto de trabalho que delimite objetivos e conteúdos, temos a possibilidade de retornar a eles no momento da avaliação, temos a possibilidade de observar, registrar e analisar as aprendizagens dos(as) alunos(as), ressaltando a ampliação do quadro de suas vivências.

6. NOTAS FINAIS: DAS DIFICULDADES, LIMITAÇÕES, POSSIBILIDADES

Creio que o fato de elaborar um planejamento com a seriedade que ele merece e intervir de forma refletida junto aos alunos, ou, em outras palavras, de buscar e dar *lugar* à Educação Física como disciplina curricular favorece também o reconhecimento da área na instituição. Ao estabelecer objetivos de trabalho, esclarecer a intencionalidade do projeto

e interceder, de fato, junto aos alunos, demais professores, equipe pedagógica, direção, administração, enfim, a escola passou a direcionar seus esforços para efetivar esse projeto, seja oferecendo espaços para discussão, investindo em recursos, ou, de outro modo, criando melhores condições para o desenvolvimento do trabalho.

Se inicialmente os(as) alunos(as) encontraram dificuldade em compreender que as aulas de educação física também envolvem leitura, debate, reflexão, para além daquilo que convencionamos como “aula prática”; que não ocorre na sala de aula somente em dias de chuva; que não representa apenas um tempo para recomposição das forças para o trabalho na sala; que não se trata de aula “rola-bola”, é porque “nós nunca tivemos esse tipo de aula” ou “a gente não sabia que podia ser diferente”, como verbalizaram algumas crianças após algumas semanas de aula. Isso nos coloca a pensar sobre as tensões que remetem à especificidade curricular da Educação Física, da formação de professores, da legitimidade que a disciplina encontra (ou não) nos ambientes educacionais, dos temas e conteúdos que ela comporta.

Dadas as limitações deste trabalho, muitos aspectos da prática pedagógica foram recortados, ou mesmo não contemplados. Questões de gênero, inclusão, relações de poder e hierarquia, entre tantas outras – já apontadas por Vaz (2002) – que se interpenetram nas aulas de Educação Física (mas não apenas nelas) precisam ser consideradas, debatidas, analisadas em nossa intervenção pedagógica.

As lutas, as danças, as ginásticas, entre outras, também compreendem os conhecimentos produzidos pela cultura corporal. Esses elementos também devem ser relevados, juntamente com a temática do esporte escolar, que, embora cercado de uma série de mal-entendidos (cf. BRACHT, 2000) quanto a sua presença na escola, não pode deixar de ser problematizado, reinventado, recriado, reconstruído, justamente por compor uma prática cultural da sociedade. E, “não sendo mesmo possível à escola isolar-se da sociedade, já que a escola é, ela mesma, uma instituição da sociedade, uma de suas tarefas, então, é a de debater o esporte, de criticá-lo, de produzi-lo... e de praticá-lo” (BRACHT, 2000, p. 21).

Mas também trabalhamos *na escola* e, por esse modo, parece importante que atentemos também às questões mais amplas que envolvem a educação em geral – como a avaliação – e a educação do corpo em específico, como as práticas alimentares, os recreios, as filas, a violência, as práticas de preconceito e exclusão, entre tantas outras questões que se inscrevem e deixam marcas, sobretudo, no corpo.

REFERÊNCIAS

BASSANI, Jaison. J.; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos CEDES*, Campinas, v.19, n.48, p. 69-88, ago. 1999.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000.

BRACHT, Valter et al. Ambiguidades da Educação Física na escola. In: _____. *Pesquisa em ação: Educação Física na escola*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. (Coleção Educação Física), p. 35-65.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. LDB/ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Resolução 003/99*. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/educa/infantil.htm>>.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998

FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Educação Fundamental. *Proposta Curricular/Prefeitura Municipal de Florianópolis*. Florianópolis, 2008.

FRAGA, Alex B. Anatomias emergentes e o *bug* muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 61-77.

DAVID, Nivaldo A. N. Entrevista Com o Prof. Elenor Kunz. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 4, p. 1-14, 2001.

SAYÃO, Deborah T. Disciplinarização do corpo na infância: Educação Física, psicomotricidade e trabalho pedagógico. In: SAYÃO, D. T.; MOTA, M. R. A.; MIRANDA, O. (Org.). *Educação infantil em debate*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999, p. 43-59.

SOARES, Carmen. L. Cultura de Movimento. In: _____. *Corpo, prazer e movimento*. São Paulo: SESC, 2003, p. 14-23.

VAZ, Alexandre. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos CEDES*, São Paulo, ano 19, n. 48, p. 89-106, ago. 1999.

_____. Técnica, esporte, rendimento. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 87-99, 2001.

_____. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T.; PINTO, F. P. *Educação do corpo e formação de professores*: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física. Florianópolis: UFSC, 2002, p. 85-107.

Recebido: 29 mar. 2009

Aprovado: 13 abr. 2009

Endereço para correspondência

Ana Cristina Richter

Estrada Dom João Becker, 641, apto. 305 – Ingleses

Florianópolis - SC

CEP 88058-600

ana_tinaa@uol.com.br